



Quanto Vale ou é Por Quilo?

Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello (NMU-UFS/ GET)

Quanto vale ou é por quilo? é um filme de 2004 do diretor paranaense Sérgio Luís Bianchi, cuja trajetória passa por estudos de cinema em Curitiba e posteriormente em São Paulo, onde se formou na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1972, tendo sido aluno de grandes nomes do cinema nacional como Paulo Emílio Sales Gomes e Jean Claude-Bernadete.

Em 1979, Bianchi estreou seu primeiro filme longa-metragem comercial: “Maldita Coincidência”. Ganhou vários prêmios nacionais e internacionais de melhor diretor, melhor filme e melhor roteiro em festivais de cinema na Itália, México, Argentina, RJ, PR, SP, Brasília, Gramados e outros. Romance (1988), Causa secreta (1994) e Cronicamente Inviável (1999) foram seus trabalhos mais premiados. Foi ganhador do prêmio de melhor direção no Festival de Gramado e do Grande Prêmio do Festival de Cinema da Cidade do México em 1985 com o filme: Mato eles?

“Quanto Vale ou é por quilo?” é uma livre adaptação do conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis, publicado no volume “Relíquias de Casa Velha” em 1906, entremeado com pequenas crônicas de Nireu Cavalcanti sobre a escravidão extraídas dos Autos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Revela as mazelas e contradições de um país em permanente crise de valores.

O filme faz uma analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria pelo marketing social, que formam uma solidariedade de fachada. Trata de duas temporalidades distintas: uma que aborda o século XVIII, trazendo a história de um capitão-do-mato captura uma escrava fugitiva, que está grávida e, após entregá-la ao seu dono, a escrava aborta o filho que espera, assim como várias outras pequenas histórias que transitam pela dinâmica escravista. Um corte cronológico leva o espectador aos dias atuais, onde uma ONG implanta o projeto Informática na Periferia em uma comunidade carente. Arminda, que trabalha no projeto, descobre que os computadores comprados foram superfaturados e, por causa disto, precisa agora ser eliminada e Candinho, um jovem desempregado cuja esposa está grávida, torna-se matador de aluguel para conseguir dinheiro para sobreviver.

Dessa forma o filme desenha um painel de duas épocas aparentemente distintas, mas no fundo, semelhantes na manutenção de uma perversa dinâmica sócio-econômica, embalada pela corrupção impune, pela violência e pela apartação social.



É um trabalho perturbador, “um soco no estômago” que se inicia com a narrativa de Milton Gonçalves sobre os métodos "correcionais" aplicados aos escravos, como se fosse natural torturar um ser humano; como se aquilo fosse justificável. A narração de Milton evoca a narração de Paulo José no premiado curta “Ilha das Flores”, de Jorge Furtado. Há uma frieza e neutralidade em sua voz que chega a ser assustadora.

“O que vale é ter liberdade para consumir, essa é a verdadeira funcionalidade da democracia”. A frase proferida pelo ator Lázaro Ramos – em “Quanto vale ou é por quilo?” traz uma entre as muitas questões apresentadas pelo cineasta, que são fundamentais para aqueles que desejam refletir mais seriamente sobre desigualdade, direitos e capitalismo na atualidade.

Assim como em “Cronicamente inviável”, Bianchi apresenta a realidade de forma tão crua e chocante que novamente a crítica o tem rotulado como niilista ou catastrofista, rótulos que tanto limitam a visão de realidades de fato existentes, quanto revelam o desejo de continuar mantendo-as recalçadas. Bianchi parece nos dizer que é impossível ficar diante ou atento a essa realidade de disparidades sem o choque ou o constrangimento, e que talvez essas sensações sejam de alguma forma produtivas para tirar algumas pessoas de um mundo mágico, recheado de slogans em prol da solidariedade e da responsabilidade social.

O filme não é moralista, por isso não toma partido do certo e do errado. O filme não apresenta perspectiva, a revanche está no fato de o explorado querer que o explorador também sofra. Mostra a lei sempre a favor dos ricos e poderosos. O seqüestro aparece como um grito de desespero de uma sociedade que não sabe como fugir de tanta exploração. Bianchi apresenta o capitão do mato como vivo, ativo e servindo, forçado pela situação social, aos desmandos dos grandes senhores de hoje. Alguns críticos vêem Sérgio Bianchi como um diretor que se acha superior a sua obra, como se só ele conseguisse enxergar os problemas sociais. Outros o vêem como um tipo de consciência pessimista da sociedade, que não oferece nenhum tipo de solução. A maioria dos críticos vê com bons olhos suas obras e, acham que enquanto alguns diretores apresentam o Brasil como um país alegre e democrático, Bianchi o vê como preconceituoso e elitista.

O filme foi vencedor do prêmio Paratycine nas categorias de melhor filme, júri popular, melhor diretor e melhor edição.

Longe de reproduzir a realidade ou ilustrá-la tal qual ocorreu, com algum tipo de pureza estética, a imagem é em si uma construção cultural, uma produção veiculada a interesses e toda uma contextualização demarcada no tempo e no espaço. Assim, a utilização da imagem por historiadores demanda que sejam feitas indagações do olhar que a imagem transmite ao olhar que a mesma recebe pelo público a quem se destina. Deve-se ter em conta que uma



imagem para além de seu ‘apelo visual’ é também um texto e por isso deve ser lida, interpretada e periciada com rigor metodológico.

Assim, não se deve encarar o filme como um recurso apenas para fins ilustrativos durante uma aula. Pois, além dessa premissa, outra importante se refere à questão de que a reprodução fílmica não equaciona problemas escolares como a ausência de interesse pela escrita e pela leitura. Como lembrou Marcos Napolitano (2004), os exercícios da escrita e da leitura são substanciais e indispensáveis, sobre os quais devem se assentar os processos de ensino-aprendizagem e o recurso às novas tecnologias.

Reproduzir o filme e depois solicitar aos alunos que reescrevam o roteiro com suas próprias palavras, em forma de poesia, música, HQ’ com balões com diálogos são possibilidades de articular a imagem à escrita de uma forma a perceber a recepção do público estudantil à filmografia, bem como levá-los a trabalhar com o uso das palavras com criatividade e diversão.

Referências Bibliográficas

FERRO, Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade?** In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novos objetos. Tradução: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976, p. 199-215.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através dos filmes. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002, p. 163-175.